

## **O Apanhador de memórias: a história de Macapá nas crônicas de Alcinéa Cavalcante e Fernando Canto<sup>1</sup>**

Luiza Nobre de Menezes MELO<sup>2</sup>  
Roberta SCHEIBE<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

### **RESUMO**

A discussão a seguir se debruça sobre a relação da memória individual e o espaço da cidade de Macapá, e de que forma isso é subjetivado na escrita e na figura do cronista. A pesquisa tem como objetivo analisar as narrativas textuais construídas ao longo das trajetórias de vida dos jornalistas amapaenses Alcinéa Cavalcante e Fernando Canto; e através disso, compreender de que forma os personagens reconstroem suas histórias, práticas sociais, memórias e resistências nos depoimentos e recursos narrativos emitidos em produções dos mesmos. Para tal análise, fez-se a seleção de textos publicados nos blogs “Canto da Amazônia” e “Alcinéa Cavalcante”, pertencentes aos respectivos perfis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; crônica; narrativa; memória; Macapá.

### **INTRODUÇÃO**

“Meu endereço é bem fácil/ é ali no meio do mundo/ onde está meu coração/ meus livros meu violão/ meu alimento fecundo”<sup>4</sup>. Com nome inspirado na terra de muitas bacabas, Macapá foi fundada em 1758 e ergueu-se como cidade oficialmente em 1782, com a inauguração da Fortaleza de São José de Macapá. Cortada pela linha imaginária do Equador, marcando a latitude 0º e às margens do Rio Amazonas, a ilha ao extremo norte do mapa é um cenário digno de epopéias.

Formada pela mistura dos povos indígenas e escravos africanos que permaneceram vivos após construção do forte, a cultura tradicional da cidade tem base estruturada nas práticas orais, principalmente por, àquela época, não se tratar de uma

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: luizanobrejournal@gmail. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Jornalista, Mestre em Estudos Literários, ambos pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: robertascheibe@gmail.com

<sup>4</sup>Composição do músico amapaense Zé Miguel, intitulada Meu Endereço. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/ze-miguel/971034/>> Acessado em: 23 de junho de 2018.

---

população alfabetizada. Assim, as tradições e a ancestralidade eram mantidas na sabedoria popular através de históricas folcloristas e no canto dos ladrões de Marabá.

A chegada de Janari Gentil Nunes, primeiro governador do estado do Amapá, em 1944, marcou a reorganização da cidade, com a construção de órgãos públicos e a redistribuição dos habitantes. A população que antes ocupava a orla de Macapá, agora foi realocada para regiões distantes do rio. Em situação diaspórica, as identidades se tornaram múltiplas, tendo os elos mantidos na origem das tradições, mesmo dispersando a comunidade entre o Quilombo do Curiaú<sup>5</sup> e os bairros Laguinho e Favela.

“Aonde tu vais rapaz, por este caminho sozinho? / Eu vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho/ Avenida Getúlio Vargas tá ficando que é um primor/ as casas lá foram feitas só para morar doutor”. Os ladrões, que recebem esse nome por “roubarem” as situações cotidianas e transformá-las em músicas, tinham também a função informativa e desempenhavam o papel de ferramenta de comunicação entre as pessoas (MARTINS, 2016). Por meio deles, compartilhavam notícias e ações de resistência, sendo esse um caminho para a aceitação e popularização dessa manifestação da cultura local.

A narrativas sobre a capital do Amapá, que atravessam gerações nas histórias contadas pela fala, se perdem pouco a pouco pela ausência de registros formais. Sendo a cidade o reflexo material de seus moradores, Macapá carrega em suas ruas a historicidade do tempo passado e presente. Casas de famílias tradicionais dividem o caminho com prédios e demais construções recentes e configuram a paisagem urbana do espaço de morada. Essa diversidade influencia a dinâmica cotidiana e por conseguinte a maneira como o indivíduo olha e se relaciona com o lugar.

Ao caminhar pela cidade, o indivíduo que a observa torna-se um agente no espaço, e por assim dizer, um *flâneur*<sup>6</sup>, estando despreziosamente de passagem. Ação descrita por Manoel de Barros (2015, p.103) em seu poema Andarilho: “Andando devagar eu atraso o final do dia/ Caminho por beiras de rios conchosos/ A minha direção é a pessoa do vento/ Meus rumos não tem termômetro/ Eu pertenco de andar atoamente.”

Anônimo e detentor de uma invisibilidade, o *flâneur* (VENEU,1990) percebe a realidade como uma experiência sensorial e sinestésica em suas experiências na esfera

---

<sup>5</sup>Vila fundada por famílias quilombolas localizada a oito quilômetros da cidade de Macapá. Atualmente, é um dos principais pontos turísticos da capital do Amapá.

<sup>6</sup>Termo francês que significa “vagabundo, preguiçoso” e denota alguém que perambula pela cidade sem rumo, mas atento aos acontecimentos.

---

pública. Movido pela curiosidade, ele dispõe de um olhar atento aos desacontecimentos cotidianos dos também anônimos que cruzam o seu caminho.

A crônica, como um estilo narrativo, é caracterizada pelos acontecimentos cotidianos que marcam a trajetória do andarilho que observa o caminho, e reconta essa experiência em um texto que mescla o fato real e a literatura. Em linguagem semelhante à palavra falada, ela transforma um assunto banal em uma grande cena de forma acessível para os mais variados perfis de leitores.

João do Rio, pseudônimo do jornalista Paulo Barreto, em ‘A Alma Encantadora das Ruas’<sup>7</sup>, narra as ruas do Rio de Janeiro em um contexto de modernização urbana. As crônicas e reportagens são carregadas de criticidade, voltando-se para o registro de problemáticas causadas pelo ideal de progresso, a partir da invisibilidade de figuras como os trabalhadores, moradores de rua e periféricos.

Ao narrar os espaços de morada, as crônicas recriam as imagens daquele lugar e estabelecem conexões com as memórias. A cidade, como a história de vida (BOSI, 2003), precisa ser ouvida e registrada, através de seus moradores, para recuperar a dimensão humana presente no seu urbanismo. Nesses percursos familiares ao cronista, ele reinventa o seu olhar sobre a cidade e reinventa a si mesmo como parte desse meio.

Incorporando o “cuidar de si” (FOUCAULT, 2010), o *flâneur*, ao falar da cidade e rememorar suas histórias, encontra na crônica os alicerces que precisa para imergir na seara dos desejos, dos sonhos, das expectativas, das tristezas e (des)esperanças. Se ocupando consigo mesmo, direcionando o olhar que, se antes estava voltado para a cidade, agora é focado para dentro de si, condicionando ações que modificam o sujeito.

A partir disso, o estudo analisa crônicas dos jornalistas macapaenses Alcinéa Cavalcante e Fernando Canto, publicadas em seus respectivos blogs: ‘Alcinéa Cavalcante’ e ‘Canto da Amazônia’ entre os anos 2014 e 2015. Busca-se entender como a memória social da cidade de Macapá é reconstruída por meio do trabalho jornalístico e das relações de afeto dos autores, e como eles se reinventam enquanto cidadãos em seus espaços de morada.

Esse artigo é fruto dos resultados preliminares da pesquisa de iniciação científica (PIBIC/CNPq) da bolsista Luiza Nobre, vinculada ao projeto de pesquisa ‘Narrativas e

---

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/alma\\_encantadora\\_das\\_ruas.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf)>  
Acessado em: 23 de junho de 2019.

---

memórias: A experiência da reconstrução de si no ato de narrar’, coordenado pela prof. Dra. Roberta Scheibe, da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP.

## **CRÔNICA E O JORNALISMO**

A reconfiguração do jornalismo no passar do tempo é condicionada não apenas pela inserção de tecnologias nos processos de produção da notícia, mas pelas novas maneiras de estruturar a informação. Ao perder o caráter essencialmente factual, os jornais impressos ampliaram seus conteúdos, diversificando os eixos temáticos e formatos, atendendo a diferentes perfis de leitores.

Isso reflete também na ampliação da linguagem e do alcance do jornalismo na esfera social. Ao dispor de mecanismos outros para dialogar com o receptor da mensagem, o texto comunica-se com diferentes pessoas que se identificam com a narrativa, seja pelo estilo que ela apresenta, seja pelo recorte do assunto.

Melo (2016, p.49) diz que os gêneros jornalísticos são definidos por duas características de base: “sua aptidão para agrupar diferentes formatos – todos com caracteres comuns, embora diferentes entre si – e sua função social”. Dentre as categorias propostas por José Marques de Melo, a interpretativa e a diversional são as classificações em que mais se percebe a escrita autoral, em subgêneros como a crônica e a reportagem.

O jornalismo literário, enquanto gênero jornalístico agrega como subgênero, além dos textos característicos da escrita informativa, demais tipologias que se manifestam também em outras áreas do conhecimento, como a história e a literatura. São os chamados ‘gêneros híbridos’ e se apresentam pluralmente, em uma forma comunicativa própria que mescla a narrativa oral e escrita.

Classificada como gênero textual e jornalístico, a crônica encontra dificuldades para estabelecer uma definição. Podendo variar de lugar para lugar (MELO, 1994), ela incorpora como características de sua linguagem o que é comum àquele espaço urbano, seja no linguajar específico ou no ritmo da cidade que acaba por ditar o ritmo das palavras.

Dentre as múltiplas variações, destacam-se nesta pesquisa a definição de Luiz Beltrão, no livro *Jornalismo Opinativo* (1980), apresenta os conceitos de ‘crônica local’, voltada para a vida cotidiana, captando as ideias que pairam entre as opiniões da população. E as definições de Afrânio Coutinho (1971) de ‘crônica-poema-em-prosa’, carregadas de lirismo, voltadas para os sentimentos e sensações por trás dos fatos; e a ‘crônica-memorialística’, não estando obrigatoriamente associada ao tempo presente,

---

contando história a partir de reminiscências de diferentes épocas da vida, desempenhando um papel de documentação da memória.

Com origem etimológica no termo grego *Kronos*, que significa tempo, a crônica é uma narrativa cronológica, em que os fatos se sucedem. Com a popularização da mesma, à palavra foram atribuídos muitos significados, expandindo seu valor semântico, entre eles, o valor jornalístico dessa tipologia. No jornalismo, a crônica é caracterizada por um texto informal, conciso, livre, mas sem comprometer o potencial informativo, literário ou humorístico da informação.

Corinne Squire (2014, p. 273) define narrativa como “uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais”. Para ele, o encadeamento dos fatos pode se dar pela temporalidade, pela causalidade e toda forma socialmente reconhecida da ação humana, e por acontecerem de forma particular, nem sempre podem ser generalizadas como algo que se aplica a todo o contexto social, mas sim, como elemento do contexto histórico vigente no qual ele aconteceu.

Essa temporalidade também está na “vida útil” da crônica, situada no aqui e agora, sujeita a perder a sua potencialidade narrativa no dia seguinte ao acontecimento, posto que já se trata do passado, de uma lembrança perdida no cotidiano. Essa relação está associada ao consumo do conteúdo de jornais, que diariamente renovam suas seções com a atualização de notícias.

No entanto, essa premissa não se aplica a todas as produções. Portadora do ‘espírito do tempo’ (NEVES, 1992, P.82) há aquelas que, ao contarem uma história, se conectam com sentimentos, experiências e cenas universais, comuns ao funcionamento de todas as cidades: o diálogo entre pessoas na rua, um ato de gentileza, um acidente, a tristeza e outras manifestações de humanidades. Os chamados “instantâneos de eternidade” (SCHEIBE, 2006) garantem a imortalidade da história ao serem associados a coisas muito simples que serão lembradas para o resto da vida.

Para Medina (2003), o jornalista possui a arte de “tecer o presente” pela capacidade de construir sentido para a vida social ao narrar o mundo. Assume o papel de mediador que articula as histórias fragmentadas no cotidiano da sociedade, ajudando a traçar as narrativas contemporâneas e suas poéticas. O cronista, tal qual o repórter, organiza o caos do emaranhado de fatos que se sucedem rapidamente, para que não se percam no instante seguinte.

---

“O repórter não é, se torna. E se torna ao ousar atravessar primeiro a larga e sempre arriscada rua de si mesmo” (BRUM, 2017, p. 14). Ao contar uma história, o narrador que se envolve, sofre ações transformadoras condicionadas pelo afeto, reinventando-se como indivíduo a cada novo texto. A postura de estar sempre atento à multidão desperta no cronista uma perspectiva empática sobre o outro, ao vislumbrar sua existência além dos papéis desempenhados, da profissão, do trajeto, da vestimenta e da insignificância do sujeito.

### **MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A CIDADE**

Formada pela aglomeração de pessoas, grupos e comunidades, as cidades começaram a surgir na ocupação de espaços por indivíduos que buscavam fixar-se em um território. A relação de subsistência foi, com o passar do tempo, sendo ressignificada, ao estabelecerem outros tipos de relação com o ambiente, como as manifestações religiosas e políticas, enxergando o lugar como espaço de morada.

Mas o que torna um lugar, cidade? Sendo essa uma palavra diretamente associada à ideia de urbano e metropolitano, tem-se firme no inconsciente coletivo a percepção de cidade ligada a administração pública, desenvolvimento e modernização. Mas a premissa não se aplica a todas as localidades, posto que além de possuírem variações em estrutura, as cidades se diferem em ritmo, estilo, historicidade, dinâmica social e demais fatores.

Como um ‘sujeito universal’ (CERTEAU, 2014), a cidade é um organismo vivo dotado de identidade, e seu corpus é formado pelos moradores, que mantêm a vitalidade do seu funcionamento. Em constante reinvenção, a cidade é um sujeito que se recria no aspecto visual a partir da arquitetura e estrutura física, das construções novas e das antigas que atravessam o tempo.

As habitações, em uma mecânica de emparelhar tijolos, concreto e outras matérias primas, também agregam em sua base impressões de sentimentos envolvidos no processo de construção, projeções do que ela virá a ser para o seu morador. Uma casa só se torna lar se a ela forem associados sentimentos de afeto e pertencimento. Assim também acontece com as cidades, que incorporam em sua identidade as aspirações, ideias e práticas dos seus habitantes.

“Desse modo, construir cidades significa também uma forma de escrita” (ROLNIK, 1995, p.16). O processo de criação da escrita e da cidade surgem quase simultaneamente na história, primeiro pela necessidade de comunicação formalizada

---

entre a população e gestão regional e depois, pelo desejo de eternizar o legado de um povo, no registro da memória oral. Na ‘cidade-escrita’, ocupar o espaço de morada ganha novas dimensões, pois está alicerçada em uma memória material, sem correr o risco de se perder no tempo, podendo assim, “ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto” (ROLNIK, 1995, P.17).

A expansão do conceito de espaço de morada é fortalecida quando o lugar em que se vive deixa de ser visto apenas com o olhar do trabalho, do patrimônio individual e do sustento, mas um lugar de afetos, onde se constroem laços de amizade, trajetórias e por conseguinte, memórias coletivas.

Em relação ao afeto, trata-se de um sentimento que manifesta apreço por algo ou alguém, e está localizado na faculdade mental relacionada às emoções. É também um elo que interliga pessoas e momentos que se cruzam nas trajetórias de vida. Na comunicação, o afeto se apresenta nos fenômenos presentes nas produções e narrativas humanizadas, que despertam sensações nos receptores da mensagem. Pensando mais amplamente na comunicação humana e nas relações intrapessoais, ela está no legado, na troca e no que Ingold (2012) chama de malha.

Como malha, as histórias não se conectam apenas pelas semelhanças, parentescos ou por pertencerem a mesma vizinhança, mas por ocuparem um mesmo lugar comum, que une cada narrativa numa costura, como a junção de retalhos. Não sendo essa uma narrativa literal, capaz de ser lida e compreendida. É a alma do lugar, que vaga junto com os andarilhos que atravessam o espaço.

Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam a legibilidade. [...] As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra (CERTEAU, 2014, p.159).

Mas não se pode narrar a cidade estando alheio a ela, olhando-a de fora. O sujeito que desempenha esse papel, sendo ele morador, investigador ou estrangeiro, sempre observa da altura dos olhos, inserido no espaço, de dentro para dentro. Dessa condição nasce a figura do *flâneur*, um indivíduo errante, que passeia sem rumo pelo lugar, sem propósitos, mas curioso para saber o que se passa nas ruas.

Sendo um apanhador de memórias, o *flâneur* colhe na rua os subsídios que precisa para compor seus textos. A vida cotidiana, os acontecimentos ordinários e a própria ação



---

do tempo instigam esse ser urbano. Ao “ver o que os outros não podem (não querem) entrever.” (RIO, 1995, p.3), o narrador, assim como o cronista, testemunha a ação do tempo entre a multidão.

Ecléa Bosi em ‘Memória da Cidade: lembranças paulistanas’ (2003), diz que a memória rema contra a corrente do crescimento urbano, pois a expansão acaba afastando as pessoas e dispersando-as de uma lembrança coletiva. Esse movimento silencia vozes que narram as entrelinhas da cidade, e sem elas, restam apenas os documentos oficiais.

Com um desenvolvimento urbano tardio, Macapá é uma cidade que reflete em sua arquitetura todas as gerações que a ocuparam, desde a Fortaleza de São José, patrimônio histórico nacional desde 1950<sup>8</sup>, à construções modernas que ocupam, presentemente, a região central. Para Cantuária (2014) a capital do Amapá vivencia “um momento de estranhamento dos bens do passado originado pela contínua destruição dos traços da cidade antiga, iniciada na década de 1980, intensificando-se nessa última década pelo descontrolado processo de especulação imobiliária que a cidade tem vivido”.

Em contraponto a esse desconhecimento do passado, grupos de moradores mais antigos se articulam, a partir do saudosismo, para recuperarem o que o resta de memória dos tempos remotos. Essa identificação acontece, sobretudo, na internet, onde essas pessoas tornam a se encontrar após o passado, não fisicamente, mas nas redes sociais, identificando-se com textos, fotos, relatos e histórias semelhantes às suas.

Entre os amapaenses que tomaram essa iniciativa, estão Alcinéa Cavalcante e Fernando Canto, ao criarem páginas destinadas à memória de Macapá dentro dos seus respectivos blogs jornalísticos: ‘Alcinéa Cavalcante’ e ‘Canto da Amazônia’. Além de comunicarem com gerações passadas através de posts memorialistas, criam uma espécie de memorial virtual, para que jovens e futuros moradores possam ter conhecimento do que foi Macapá no passado, e assim, entender o que é Macapá no tempo presente.

## ANÁLISE

Este estudo, sobre memórias e narrativas da cidade de Macapá nas crônicas dos jornalistas Alcinéa Cavalcante e Fernando Canto tem como base metodológica a pesquisa qualitativa. Fez-se uso da técnica de revisão de literatura e posteriormente, da análise comparada entre os textos e os autores, buscando compreender como as subjetividades e

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://visitbrasil.com/pt/atracoes/fortaleza-sao-jose-de-macap.html>>  
Acessado em: 26 de junho de 2018.



---

as recriações das memórias são acionadas no processo narrativo, tanto da cidade quanto dos próprios perfilados.

Para entender o processo de reconstrução do eu a partir das narrativas textuais presentes nas crônicas dos respectivos escritores, foram selecionados os seguintes textos para a análise: Uma casa coberta de flores (2012) e Naquele tempo (2014) de Alcinéa Cavalcante; e A Praça (2013) e O homem curvo (2009) de Fernando Canto, todos publicados nos blogs.

### **CRIADOR E CRIATURA: OS AUTORES E SEUS BLOGS**

Escritora desde os 10 anos de idade, Alcinéa Cavalcante, 63 anos, trabalha há 50 no jornalismo, mesmo não sendo jornalista por formação. Com publicação de livros autorais e participação em dezenas de antologias e coletâneas de poesias locais, nacionais e internacionais, ela se consagrou como referência regional na área, recebendo inúmeros prêmios de literatura, mérito cultural e difusão da informação através do seu blog.

No ar desde 1996 e relançado em 2006, após um processo judicial envolvendo-a e o então senador José Sarney<sup>9</sup> que tirou o site do ar, o Alcinéa Cavalcante - Liberdade de Expressão foi o primeiro blog do Estado é um dos portais de jornalismo mais tradicionais do Amapá. Com audiência predominantemente “estrangeira” em seu início, de outras regiões do Brasil, o blog era mais acessado por pessoas de fora que tinham curiosidade sobre a cidade de Macapá, tanto por interesses profissionais quanto pelo desconhecimento sobre a realidade amazônica.

Dividido em mais de 15 categorias editoriais, o blog possui desde conteúdo *hard news* à publicações pessoais como fotografias do próprio jardim da escritora e postagens memorialistas dedicada a amigos e familiares. Trata-se também de um espaço comunitário, onde outros artistas, jornalistas e escritores têm a oportunidade de publicarem seus textos, fotografias e reflexões.

Atualmente com um fluxo reduzido de publicações, decorrente da ascensão das redes sociais e conseqüentemente, dos perfis informativos na rede, o site tem atualizações esporádicas. Com postagens de poesias e convite para eventos relacionados a cultura amapaense, o retorno financeiro é garantido pelas propagandas publicitárias da Prefeitura de Macapá e do Governo do Estado do Amapá.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://alcinea-cavalcante.blogspot.com/2007/10/o-advogado-de-sarney-e-o-cabide-de.html>>  
Acessado em: 28 de junho de 2019.

---

Nascido em Óbidos, no estado do Pará, em 1954, Fernando Canto mudou-se para Macapá aos 8 anos de idade, onde reside até então. Com título de cidadão amapaense<sup>10</sup>, o doutor em Sociologia, poeta e professor desempenha o papel de jornalista desde a juventude. Integrante do grupo musical ‘Pilão’, de música regional, ele se inseriu no cenário artístico local ao participar das edições do Festival Amapaense da Canção. Premiado tanto no campo musical quanto no literário, o escritor tem livros publicados sobre a cidade de Macapá e demais poemas em coletâneas locais.

Lançado em 2009, o blog Canto da Amazônia funcionava como um diário virtual para o compartilhamento de experiências particulares do autor. As publicações eram, essencialmente, baseadas nas percepções de Fernando Canto sobre suas vivências em encontros, passeios, eventos e viagens, transcritas em forma de textos descritivos, poéticos e fotografias. Era também um espaço, tal qual o de Alcinéa, para postagens de demais autores, locais e suas produções, como crônicas e poesias.

Sem possuir uma identidade visual o qualquer detalhe mais elaborado em sua diagramação, o blog também funcionou como uma agenda cultural da cidade, em suma, para informar datas e locais de shows do grupo musical do qual fazia parte. O fluxo de publicações foi decrescendo gradativamente até o ano de 2015, quando realizou a última publicação, no dia 23 de setembro.

## **A MACAPÁ DO PASSADO: CRÔNICAS QUE ELUCIDAM RELAÇÕES DE AFETO**

Moradores de Macapá desde o início da vida, os escritores transparecem em cada palavra a relação de intimidade que possuem com o espaço da cidade, potencializado pela noção de pertencimento que transparece no trabalho de ambos. Internalizando a figura do apanhador de memórias, eles, que cresceram junto com a urbanização da capital, caçam histórias do tempo passado para contá-las no tempo presente, sejam elas as histórias de outros ou as próprias.

Em *A Invenção do Cotidiano*, Certeau (2014) afirma que as memórias ficam guardadas no subconsciente, e se manifestam na presença de um momento oportuno para que elas sejam adjetivadas. Esse processo permite a ressignificação das experiências de

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/fernando-canto-recebe-o-titulo-de-cidadao-amapaense-nesta-sexta-feira/>>

Acessado em: 27 de junho de 2019.

vida regidas pela ação do tempo. Os dois autores, ao decidirem utilizar das ferramentas jornalísticas, como a plataforma de um blog a estrutura textual como mecanismo de disseminação da memória de Macapá, alcançam outras dimensões com a palavra: se reinventam no momento em que reinventam a cidade.

Tratando-se de estrutura textual, o que diferencia a produção de Alcinéa Cavalcante da produção de Fernando Canto é a maneira como são abordados os temas. Enquanto ele possui uma narrativa carregada de lirismo, utilizando a ‘crônica-poema-em-prosa’ (COUTINHO, 1971), ela conta a cidade mais próxima da fala e percepção do leitor, com teor opinativo (BELTRÃO, 1980). Essa diferença estende-se para a maneira de comunicar. Alcinéa explora a memória do espaço de morada de forma mais ampla coletiva e jornalística, com texto predominantemente em 3º pessoa, usando também fotografias e depoimentos que não são de sua autoria. Frente a isso, Fernando volta-se para o individual e narra esses caminhos a partir das próprias percepções e experiências, em 1º pessoa, de maneira mais subjetiva e poética.

Assumindo o papel do *flâneur* (ANTELO, 1989), Fernando adota a linguagem descritiva do narrador participante, que está inserido no contexto, podendo fazer parte do fato ou apenas observá-lo. São de andanças pela cidade que partem suas inspirações, suas ações também definem a postura do cronista. Essa postura também é assumida por Alcinéa, que, ao caminhar por Macapá, depara-se com arquiteturas, histórias de vida e lembranças que cruzam os seus caminhos. A citar, a introdução da crônica ‘Uma casa coberta de flores’<sup>11</sup>:

Gosto de andar pela cidade prestando atenção na paisagem. Nessas caminhadas encontro de tudo: coisas feias, bonitas, diferentes, únicas, uma flor despetalada na calçada, um jardim, lixo amontoado na frente de alguns prédios, calçadas sujas e outras limpas, casas de ar alegre, outras de ar triste e ainda outras que dão a impressão de que ali mora o mau humor e aquelas onde a gente tem certeza que mora a felicidade (ALCINÉA, 2012)

O olhar atento, aos poucos, se transforma, na medida em que o narrador e o objeto narrado se fundem. Ao adjetivar o sentimento em palavras, o sentido e simbolismo daquele lugar para a vida do cronistas deixam de ser os mesmos de outrora, uma vez que, ao contar uma história nova, essa é automaticamente incorporada no repertório do indivíduo, que a partir de então, terá isso como base para a construção de novas narrativas.

---

<sup>11</sup>Disponível em: <<https://www.alcinea.com/sem-categoria/uma-casa-coberta-de-flores>>  
Acessado em: 23 de junho de 2019.

---

A paisagem da cidade, em sua atemporalidade de manifestar todas as épocas, estimula a produção das crônicas locais, definidas por Beltrão (1980) como aquelas que contam o dia a dia do lugar. Aprofundando nesta relação, ao documentar um acontecimento da cidade, o cronista sofre uma ação transformadora como habitante: os lugares deixam de ser apenas um espaço físico e se tornam confidentes da memória dos autores, para onde olham quando desejam evocar o passado. Como fez Fernando Canto ao olhar para o horizonte do Rio Amazonas a procura do ‘O homem curvo’<sup>12</sup>.

A manhã passa e um dia inteiro fica no passado. Eu ainda estou ao lado do homem contemplando o rio e os pássaros que flecham com seus voos o céu do poente e da nascente. [...] Ao olhar, hoje, o rio e as ondas se quebrarem no trapiche, na emoção de pisar no baluarte de Nossa Senhora da Conceição, sobre a Fortaleza de São José de Macapá, não vejo mais a silhueta do homem curvo. Mas tenho a ligeira impressão que ele ainda está lá. Não sumiu no canal. (CANTO, 2009)

A urbanização também é um dos recortes frequentemente abordados nos textos dos escritores, que saudosistas, rememoram a Macapá do passado, principalmente no período da infância, em que desfrutava-se do espaço público para o divertimento. O pessimismo frente o crescimento não parte de uma postura anti-progressista, mas de um sentimento de saudade das miudezas do cotidiano que se perderam no tempo: o brincar na rua, andar seguramente pelo bairro, conhecer a tudo e todos, e outras práticas.

Esse sentimento dá abertura para a produção de crônicas memorialísticas (COUTINHO, 1971), em textos que reconstroem a imagem de uma Macapá que não existe mais e habita apenas as memórias daqueles que a experienciaram no passado. “A fisionomia amadurece, as arestas se arredondam, as retas se abrandam e o bairro acompanha o ritmo da respiração e da vida dos seus moradores” (BOSI, 2003, p. 204). Nas crônicas ‘A Praça’<sup>13</sup> e “Naquele tempo”<sup>14</sup>, de Fernando Canto e Alcinea Cavalcante, respectivamente, essa forma de narrar se apresenta e o saudosismo vem à tona.

Envolto em pequenas preocupações e pequenas alegrias, qualquer um, como eu, diria que há algum tempo a praça pública se constituía um símbolo de liberdade, um lugar de respirar ar fresco, de reunir com os amigos, de passear, namorar, cantar, representar, e externar uma infinidade de verbos que o pensamento e a ação são capazes de elaborar nos momentos bons e nos mais difíceis que o ser humano atravessa. Hoje não. As cidades crescem, as atividades políticas se

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://fernando-canto.blogspot.com/2009/12/o-homem-curvo.html>>. Acesso em: 23 de junho de 2019.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://fernando-canto.blogspot.com/search?q=a+pra%C3%A7a>>. Acesso em: 24 de junho de 2019

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.alcinea.com/macapa/naquele-tempo#comments>>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

---

pluralizam, as ações econômicas esmagam. A praça fica. (CANTO, 2013)

Macapá era cortada por igapós, havia muitas áreas de ressaca, o clima era ameno. Tão ameno que ventilador era luxo. Aparelho de ar condicionado nem existia nas bandas de cá. Março era o mais que mais chovia. [...] Eis que a cidade cresce e os governantes começam a aterrar as áreas de ressaca. (CAVALCANTE, 2014)

A cidade contada nos textos, pouco a pouco se esvai, deixando a realidade material para ocupar um espaço nas recordações daqueles que experienciaram essas transições. Ao ser evocada, a imagem da Macapá no passado é pautada nas vivências individuais dos autores, que reconstroem a memória coletiva a partir das memórias particulares e suas subjetividades, imprimindo muito de si, e inconscientemente, idealizando o que a cidade foi um dia.

Como indivíduos praticantes da cidade, os escritores dão sentido à vida através das crônicas, que lhe conectam aos moradores e conseqüentemente, que lhe conectam à Macapá, agenciando novos caminhos a serem feitos. Se reinventam no momento em que suas trajetórias biográficas tornam-se uma documentação histórica da cidade, não sendo mais apenas um habitante, mas aquele habitante apanhador de memórias, eternizando o patrimônio físico no campo imaterial da internet.

Essa subjetividade se apresenta no texto dos autores de diferentes formas. No caso de Alcinéa, é predominante em seus textos a descrição de encontros, momentos, com pessoas próximas ou desconhecidos que a partir dali, ganham um lugar em sua vida. A citar o texto *Uma casa coberta de flores*, em que a autora encerra a crônica despedindo-se da sua “nova velha amiga de infância”.

Para Fernando, a subjetividade parte da imersão na poética da narrativa, convertendo o olhar dele sobre o objeto para um olhar sobre si (FOUCAULT, 2010), originando novas percepções e significados para a vida como um morador de Macapá. Ao se despedir, diferente de Alcinéa, ele carregou consigo as reações físicas e emocionais das experiências “Lembro que chorei muito. Ao chegar em casa a febre inevitável do encantamento me fez delirar por tantos dias que quase fui internado no Hospital Geral”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível em ambos os autores o compromisso na luta contra o esquecimento da história de Macapá, cidade que tradicionalmente é narrada pela prática de oralidade.

O desejo de que não se percam as lembranças ultrapassa a simples documentação formal dos fatos, ligando-se ao íntimo dos autores, que no fundo, escrevem sobre seus caminhos para que possam refazê-los a posteriori, ainda que mentalmente.

Ao refazerem seus caminhos como andarilhos, Alcinéa e Fernando encontram a si mesmos, se reinventando a cada crônica e ressignificando suas relações de afeto com o espaço de morada, cenário principal de suas trajetórias. E desse lugar que emergem não somente as inspirações, mas também aquilo que não está no texto, mas pode ser lido nas entrelinhas: a saudades, as amizades, as paixões, a tristeza e outros “instantâneos de eternidade”.

No que tange o jornalismo, as produções dos blogs são de grande contribuição para a difusão da história da cidade e principalmente, na construção de narrativas paralelas a oficial. Ainda que não tenham as características da produção jornalística tradicional, os textos sobre a cidade causam efeitos na população, que interagem com mais intensidade nas publicações, compartilhando em comentários as experiências semelhantes que viveram.

É notória também a predileção dos autores por alguns recortes da realidade, como o espaço das ruas em que moram, as praças públicas e os pontos turísticos da cidade de Macapá. Como mecanismo narrativo, a ambientação da cena na leitura do texto é facilitada, permitindo a visualização do espaço com mais facilidade e concomitantemente, aproximando o leitor da história.

Como macapaense, realizar esta pesquisa, além de possibilitar um aprofundamento nos estudos no campo do jornalismo, da memória e da narrativa, me permitiu conhecer o passado da minha cidade, revistar momentos que vivi, fortalecendo assim minha relação de pertencimento e minha identidade amazônica local.

## REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. João do Rio: **o dândi e a especulação**. Rio de Janeiro: Taurus-timbre, 1989.

BARROS, Manuel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida**. – 2.ed.rev. e ampl. – Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22ª.ed. Petrópolis: Vozes,

---

2018.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1971.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3ª. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, n. 37, p. 25-44. Belo Horizonte, 2012.

MARTINS, Rostan. **-Aonde Tu Vai, Rapaz, Por Esses Caminhos Sozinho? Comunicação e Semiótica do Marabaixo**. Scortecci Editora. Pinheiros, São Paulo, 2016

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. 2ª.ed. São Paulo, Summus,2003.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

MELO, José Marques. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. *Intercom* v.39, n.1, p.39-56, São Paulo jan./abr. 2016.

NEVES, Margarida de Souza. **Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Riode Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passos; 203)

SCHEIBE, Roberta. **A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos**. 2006. 108f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

SILVA, José de Vasconcelos; CANTUÁRIA, Eloane. **Da cidade contemporânea à saudade do passado: Macapá, por onde andam minhas lembranças?** in: Seminário Internacional de Memória e Patrimônio (8. : 5-6 nov 2014 : Pelotas) Anais do... : lugares de memória [recurso eletrônico] / 8. Seminário Internacional de Memória e Patrimônio ; orgs. Marlise Buchweitz Klug. – Pelotas: Ed. da UFPel, 2014.

SQUIRE, Corinne. **O que é narrativa?** in *Dossiê Narrativas*: Porto Alegre. v.14, n.2, p.272-284; maio-ago, 2014.

VENEU, M. G. **O flâneur e a vertigem: metrôpole e a subjetividade na obra de João do Rio**. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. vol. 3. n. 6. 1990. p.229-243